

Ensaio sobre leques comemorativos portugueses

Paulo de Campos Pinto*

Resumo: Referenciando o quadro social, simbólico e comunicacional do uso dos leques, procura-se delinear um conspecto geral dos leques comemorativos portugueses assente numa definição categorial e, ainda, na relação do objecto com os seus contextos enformadores, que é caracterizada, em três períodos, valorizando sobretudo as temáticas e as técnicas utilizadas: o *leque absolutista*, o *leque democrático* e o *leque burguês*. Num terceiro passo, ficam apresentados os principais tópicos que entram na descrição do leque comemorativo português, a partir da análise do *corpus* constituído por trinta leques (número que não considera as várias versões de cada um).

Abstract: In reference to the social, symbolic and communicational background regarding the use of fans, we will try to outline the general aspect of the Portuguese commemorative fans based on a definition by category, and also the relationship between the object and its molding contexts, which can be characterised by periods, mainly valuing the themes and techniques which were used: the *absolutist fan*, the *democratic fan* and the *bourgeois fan*. In a third stage, we will present the main topics which are part of the description of the Portuguese commemorative fan, based on the analysis of the *corpus* made up by thirty fans (this number does not include the several versions of each one).

As especificidades dos leques comemorativos: para uma definição categorial

Quase desaparecido, hoje, na vida social dos países europeus, com excepção para Espanha, onde ainda persiste, o leque foi, até finais do primeiro quartel do séc. XX, um objecto comum e familiar. E, se considerado na história dos objectos artísticos, poucos houve que, como ele, tenham sido capazes de conjugar, de forma tão harmoniosa, uma expressão

* Docente de História da Arte da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

artística com tal variedade de funções, que de facto veio desempenhando desde a Antiguidade até aos nossos dias.

O apreço crescente que adquiriu na Europa, principalmente desencadeado pela introdução do leque dobrável, no séc. XVI, levou a que o seu uso se tornasse indispensável, ou mesmo obrigatório, ao longo de mais de três séculos, constituindo-se como o mais importante dos acessórios de traje feminino.

Este fenómeno não decorreu, exclusivamente, da sua função primordial, de provocar uma útil deslocação de ar, ligada ao fresco ou ao afastamento de insectos. Muito pelo contrário, estamos em crer que as razões deste sucesso se ficaram a dever à poderosa atracção que foi exercendo, principalmente no campo dos significados e das relações sociais, onde os leques desempenharam, como poucos objectos, papéis singulares, com fins diversos, ligados a um outro tipo de utilizações, habilmente ancoradas nos códigos de representação e no sistema dos costumes de cada época.

Por exemplo, a sua presença na pintura, documentada entre nós desde o séc. XV, adquire valor simbólico a partir da centúria seguinte, ao tornar-se atributo de prestígio nos retratos de aparato feminino, onde os leques são exibidos na maioria das vezes fechados, tomando o lugar de verdadeiros ceptros¹. No âmbito das funções que foi capaz de incorporar, é ainda de justiça nomear o duplo papel – simbólico, mas sobretudo instrumental – , determinante na construção e proclamação da representação do feminino – por exemplo, as possibilidades e as qualidades do seu manejo tornaram-no num dos instrumentos predilectos de *coquetterie*.

Conforme é sabido, o leque foi também usado como instrumento de comunicação, e nesta qualidade dando corpo a considerável variedade de códigos de linguagem protocolar, amorosa, ou lúdica – como o verdadeiro *telégrafo de cupido*², desafiando a rigidez de costumes, ou acusando ainda enorme habilidade como peça lúdica, no jogo em moda nos salões aristocráticos dos séculos XVIII e XIX.

¹ Entre nós, o costume das rainhas, das aristocratas e, a partir da revolução liberal, das burguesas, de se deixarem retratar com leques é atestado em inúmeras telas, e remonta, pelo menos, ao séc. XVI. De acordo com Anne Marie Jordan, a riquíssima e culta D. Maria de Portugal foi a primeira mulher no Ocidente retratada com um leque de folha dobrável. Ver Anne Marie Jordan, “O Retrato e Corte em Portugal”, *Oceanos*, nº 16, Lisboa, 1993, pp. 62-70.

² Expressão usada por Charles F. Bandini a propósito do método de conversação que inventou, utilizando o leque, e publicado por William Cock, em 1797, num leque com o título *The Original Fanology or Ladies' Conversation Fan*.

Estas capacidades multifuncionais do leque, indissociáveis da sua enorme popularidade, foram claramente percebidas pelo poder político, que não hesitou em servir-se destes objectos para a divulgação de imagens com propósitos propagandísticos.

É deste última função do leque e da sua prática no nosso País que nos ocuparemos neste texto, partindo da análise de um acervo primeiro de leques comemorativos portugueses e chamando, desde já, a atenção do leitor para o pendor preliminar da abordagem, justificado pela total ausência de estudos neste campo, que procura, principalmente, despertar interesses e deixar algumas pistas para reflexão e investigação³.

Começando por justificar a escolha da expressão «leque comemorativo», devemos deixar claro que ela não encontra qualquer tradição na escassa historiografia nacional⁴, nem sequer nas fontes escritas que pudemos consultar. Entre estas, registamos as designações «leques evocadores» ou «leques históricos», curiosamente coincidentes com a primeira exposição portuguesa exclusivamente destinada a leques, organizada pela Associação dos Arqueólogos Portugueses – a primeira, servindo de título, e a segunda, para designar alguns dos exemplares patentes nesta exposição – ambas expressas num artigo⁵ ilustrado para servir de memória do evento.

Pelo contrário, na historiografia estrangeira, seguramente em razão da multiplicidade de estudos e de abordagens, podemos encontrar, amíúde nas várias línguas, francês, inglês, italiano, alemão ou castelhano, expressões cuja tradução em português é «leque comemorativo», para referir leques cujos temas representam acontecimentos importantes do presente que se querem perpetuar na memória – por exemplo, nascimentos, casamentos ou mortes relacionados com a realeza ou alta aristocracia; acontecimentos nacionais ou eventos sociais de grande relevo; acontecimentos políticos; ou acontecimentos militares.

³ Cfr. Paulo Campos Pinto, *O Leque de Folha Dobrada em Portugal do século XVI ao século XX – Leques Comemorativos Portugueses*, Dissertação de mestrado em História da Arte, Lisboa, 2002 [texto policopiado].

⁴ A expressão «leques comemorativos» aparece, por exemplo, no texto de César Valença, apenas para referir a existência desta temática em Portugal. Ver César Valença, “Considerações a partir da colecção de leques do Museu Nogueira da Silva”, *Forum*, n.º 29, Braga, 2001, p. 51.

⁵ Trata-se da exposição organizada, em 1926, pela Associação de Arqueólogos Portugueses, em que mais de uma dúzia de colecionadores expuseram as suas peças, incluindo leques com retratos de D. João VI e de D. Pedro I do Brasil. Ver *ABC*, n.º 317, ano VII, 12 de Agosto de 1926.

É também com este sentido que adoptamos a expressão «leque comemorativo», isto é, sem atender à estrutura formal do objecto e centrando a sua razão tipológica no tema que representa – um tema comemorativo. Contudo, queremos ainda englobar, reforçando esta categorização, a especificidade funcional dos leques comemorativos, que deriva, na sua totalidade, da temática representada e que caracteriza a vocação do objecto. Ou seja, a função dúplice de assinalar um acontecimento do presente, para os presentes e para memória futura, e a de glorificar ou de homenagear personagens, ou factos históricos ou políticos, em qualquer dos casos atestando, inequivocamente, intenção propagandística e política, praticada ou estimulada por uma elite cultural.

Como facilmente se poderá depreender, é ainda possível encontrar elementos distintivos no que diz respeito à utilização dos leques comemorativos. Desde os primeiros exemplares, produzidos no início do séc. XVII, que são usados como presentes apreciados entre ou para soberanos ou membros da alta nobreza⁶. Em épocas de afirmação do poder absoluto dos monarcas, ou em períodos politicamente conturbados, têm lugar preponderante os usos associados a demonstrações de fidelidade para com os soberanos homenageados – e, como exemplo paradigmático, diríamos, deste costume, observe-se a utilização dos leques realistas durante o período do *Terreur* francês⁷. São ainda relevantes as utilizações ligadas à participação no acontecimento que o leque evoca, como é o caso dos leques comemorativos produzidos em larga escala, sobretudo a partir da última década do séc. XVIII. Já a partir dos finais do terceiro quartel do séc. XX, período em que o leque europeu (exceptuando o caso espanhol) deixa definitivamente as mãos das suas portadoras para se usar exclusivamente como objecto de colecção, podemos ainda encontrar alguma produção de exemplares comemorativos de apreciável qualidade, destinados ao mercado de colecionadores⁸.

⁶ Como exemplo, citamos o leque comemorativo do casamento do Delfim de França, filho de Luís XV e de Maria Leczinska, com a Infanta de Espanha, filha de Filipe V, mandado fazer, juntamente com mais 35, pelo rei de França, para a futura nora oferecer de presente às suas damas de honor. Trata-se de um exemplar de grande beleza, em tartaruga e *cabritille*, hoje pertencente a uma colecção privada portuguesa.

⁷ Sobre este assunto veja-se o texto publicado no catálogo da exposição *Modes et Revolution – 1780-1784*, Musée de la Mode et du Costume, Palais Gallieras, Paris, 1989, pp. 176-205. Trata-se de um estudo que tem por base a análise de três colecções de leques com temas «revolucionários»: a colecção do Musée Carnavalet, a coleção da Bibliothèque Nationale e a colecção Schreiber, depositada no British Museum.

⁸ Entre muitos, são exemplos os leques fabricados por ocasião da coroação da Rainha Isabel II de Inglaterra, em 1953, o leque dos casamentos dos Príncipes de Gales, em 1981 ou dos



Fig. 1 – Casamento do Príncipe Regente D. Pedro com D. Maria Francisca Isabel de Sabóia (1676-1689). Leque de folha dobrável, com pintura sobre pergaminho. Varetas e guardas em marfim, com decoração esculpida, recortada e perfurada, pintada a ouro nas guardas e no anverso do colo; 265 x 495 mm; col. Fundação Medeiros e Almeida, Inv. 3430, Lisboa.



Fig. 2 – Festa da Indústria por Ocasião do Casamento de D. Carlos de Bragança com D. Amélia de Orléães. Rafael Bordallo Pinheiro, 1886
Leque de folha dobrável, com litografia impressa sobre cetim de seda e armação em tartaruga; 268 x 500 mm; col. Palácio Nacional da Ajuda, Inv. 42436, Lisboa.

Estamos em crer que as razões, que terão levado a que o leque incorporasse a função comemorativa e política, prendem-se, sobretudo, com as suas próprias características; por um lado, através da folha, o leque oferece um atractivo e prestigiado suporte para a representação de imagens pintadas ou gravadas: atractivo, porque capaz de despertar a atenção e de cativar o pincel dos artistas através da originalidade da forma semi-circular da folha e das suas possibilidades compositivas, que maravilharam os portadores; suporte prestigiado, sobretudo pela inclusão dos temas dados à luz pelos grandes pintores, habitualmente utilizados nos leques dos séculos XVII e XVIII, onde encontramos, sobretudo, episódios mitológicos, de história, ligados à exaltação dos grandes heróis nacionais e ainda temática religiosa, embora praticamente restrita ao Antigo Testamento e consideravelmente menos frequente. Assim, nos leques, a par dos primeiros temas da pintura, surgem os bustos dos monarcas ou a representação dos episódios marcantes das suas vidas.

Por outro lado, como objecto de mão, e de uso corrente, o leque constituiu um instrumento próximo no contacto com as pessoas. Este atributo torna-se ainda mais evidente sobretudo com a produção em série, que se foi desenvolvendo a partir dos finais de setecentos, que ia tornando os leques cada vez mais acessíveis a um maior número de bolsas, granjeando popularidade também entre as classes sociais mais pobres.

Portanto, não é de estranhar que, muito embora se encontrem exemplares de temática comemorativa nos tipos mais em voga, em cada época (desde as bandeiras aos leques de folha dobrada, ou aos *brisé*), foi sendo dada preferência, ao longo do tempo, aos tipos mais económicos e de mais generalizado alcance, sobretudo à medida que a indústria de leques ia incorporando as novas técnicas de impressão e a utilização de materiais de baixo custo.

Com efeito, o leque reunia as condições ideais que potenciavam o seu uso como um eficaz instrumento difusor de imagens políticas, de ampliado alcance, e mais penetrante, e persuasivo, do que as representações fixas.

Certamente que a eficácia política da forma visual não foi exclusiva dos leques, verificando-se igualmente noutros objectos de uso comercial, como a gravura, a porcelana, a faiança e o vidro, as cobiçadas caixas de rapé, ou alguns têxteis, mas o leque é um objecto pessoal que se exhibe, levado a todo o lado pelas suas portadoras.

Duques de York, em 1986, pertencentes à colecção de Hélène Alexander, depositada no Fan Museum, em Greenwich, ou ainda os leques assinados, de fabrico valenciano, comemorativos da passagem do milénio, também presentes no acervo do Fan Museum.

Será certamente este reconhecimento do potencial propagandístico que constituirá a base para o aparecimento de publicidade nos leques fino-oitocentistas, abrindo caminho para o leque publicitário que se utiliza ainda nos nossos dias. E este fenómeno, dir-se-ia constituir o precedente do actual costume de usar roupas gravadas com emblemas, nomes, marcas ou até *slogans*.

Assim entendido e explicado na variadíssima tipologia de leques, maioritariamente assente, na sua definição, na estrutura formal do objecto – distinguindo, por exemplo, tipos rígidos de tipos dobráveis e, entre estes, variações no ângulo de abertura, configuração da folha, entre outras –, podemos considerar o «leque comemorativo» como um tipo ou categoria específica, quando submetido a um crivo analítico e classificativo que coloca a tónica, quer na temática, quer na sua relação com os aspectos funcionais. Refira-se que, com base neste mesmo critério, será ainda possível categorizar o seu “sucessor”, o «leque publicitário».

Uma periodização na história do leque comemorativo

Em jeito de prelúdio contextualizador da análise do grupo de exemplares comemorativos portugueses, identificámos um percurso histórico desenvolvido em três períodos que considerámos melhor ilustrarem a ligação entre o objecto e a sua função.

Para o efeito, ao contrário do que se poderia esperar, o contributo das fontes bibliográficas estrangeiras é pouco reconfortante, uma vez que a temática comemorativa muito raramente surge individualizada e ainda não suscitou, entre os especialistas, abordagens de teor científico. Assim, as referências a leques comemorativos podemos encontrá-las, sobretudo, em textos de pendor generalista, ou nos poucos catálogos de exposições de leques comemorativos, entre as quais merecem destaque a exposição promovida, no Yorkshire, pelo Fan Circle International⁹, em 1986, e a exposição temporária do Fan Museum, com o título *Commemorative Fans*, realizada no ano 2000. Factor de dificuldade acrescida é também a generalizada ausência, nas colecções, de exemplares anteriores ao séc. XVII¹⁰.

⁹ A exposição deu lugar a um pequeno catálogo sob o título *Royal Fans*, publicado, em 1986, pelo The Fan Circle International.

¹⁰ Esta ausência de exemplares anteriores ao séc. XVII, e mesmo da primeira metade desta centúria, pode ser explicada pelo início da manufactura de leques na Europa só ter ocorrido, em França, em meados de seiscentos. Até aí, os leques vinham do Oriente, de onde vieram também os primeiros leques dobráveis, trazidos pelos portugueses, em meados do séc. XVI.

Naturalmente que a incipiência do conhecimento decorrente, quer do estudo das fontes, quer da impossibilidade de exame de peças, dificulta, desde logo, a possibilidade de estabelecer, com segurança, o início da utilização do leque com intuítos comemorativos, ou propagandísticos. Todavia, arriscaríamos afirmar que os primeiros exemplares comemorativos terão surgido a curta distância temporal da produção prístina do leque dobrável europeu, atribuída aos *eventaillistes* franceses, sensivelmente a partir de meados do séc. XVII. Aliás, datação igualmente atribuída aos mais antigos leques comemorativos que conhecemos, entre os quais destacamos um exemplar de 1660, comemorativo da restauração do trono de Inglaterra por Carlos II¹¹, e um outro curioso leque, comemorativo português, evocando o casamento do príncipe D. Pedro (futuro D. Pedro II) com D. Maria Francisca Isabel de Sabóia, que datamos, aproximadamente, de 1668, e que hoje faz parte da colecção da Fundação Medeiros e Almeida (Fig. 1).

Atendendo à análise dos acervos conhecidos, cremos poder-se considerar um primeiro período, extensível até aos finais do séc. XVIII, caracterizado por uma temática comemorativa quase exclusivamente ligada à figura do monarca ou à sua parentela muito próxima. Esta prática encontra tradição nas representações seiscentistas, ligadas à construção e proclamação da imagem dos monarcas a qual se confunde, na sua acepção absolutista, com a imagem das suas nações. E assim, tal como na gravura, ou mesmo na pintura encomiástica, representam-se, nos leques, os episódios mais marcantes das vidas dos soberanos, incluindo os seus feitos, em associação com a actualidade da vida dos seus Estados.

Ao longo do séc. XVIII, a produção intensifica-se, e os leques comemorativos multiplicam-se com retratos a corpo inteiro dos monarcas e príncipes, rodeados de figuras alegóricas, como é o caso de um leque (c.1745) alusivo ao Príncipe Carlos Stuart (1720-1788)¹², pretendente ao

As vantagens deste tipo (dobrável) conduziram à sua generalização através do aumento das importações e da génese da indústria manufactureira. Assim, a raridade dos exemplares seiscentistas advém do seu reduzido número, à época, e, naturalmente, da deterioração provocada pela acção do tempo.

¹¹ Trata-se de um leque impresso com o título *The Happy Restoration* repetido, em várias legendas, no anverso. Presente na exposição já referida, organizada pelo Fan Circle Internacional, para celebrar o seu 10^o aniversário, na Harewood House, juntamente com um numeroso conjunto de leques comemorativos ingleses, provenientes de importantes colecções europeias, incluindo da colecção da actual Rainha de Inglaterra. Ver *Royal Fans*, [Catálogo], Harewood House, Yorkshire, March-July, 1986, p. 9.

¹² Ver Avril Hart, Emma Taylor, *Fans*, Victoria and Albert Museum, V& A Publications, London, 1998, p. 76.



Fig. 3 – *Festa da Indústria por Ocasião do Casamento de D. Carlos de Bragança com D. Amélia de Orléans*. Rafael Bordallo Pinheiro, 1836.

Leque de folha dobrável, com litografia impressa sobre cetim de seda e armação em osso; 269 x 503 mm; col. Museu Nacional do Traje, Inv. 5166, Lisboa.

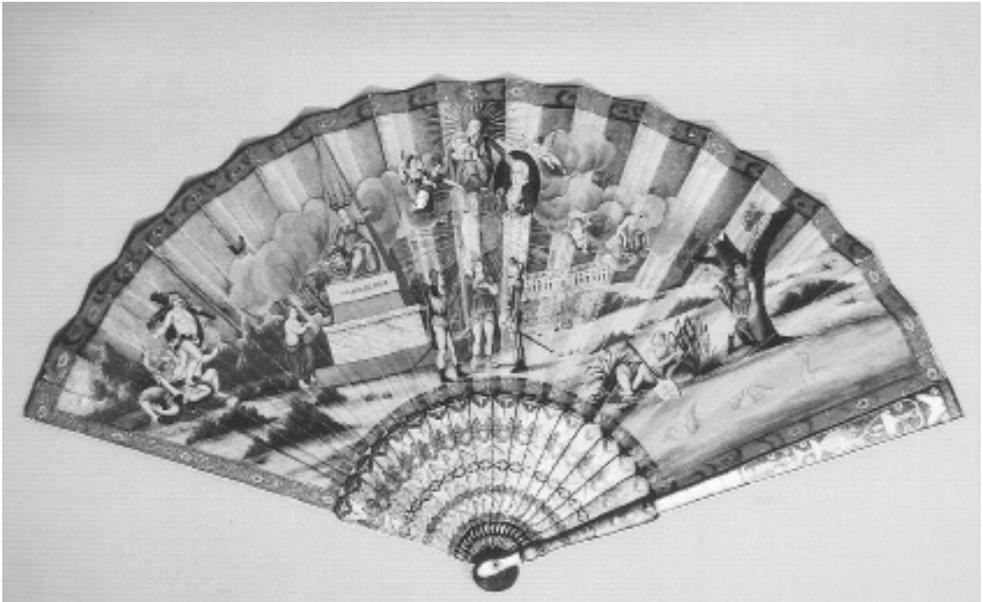


Fig. 4 – *Alegoria à Constituição de 1821*. Leque de folha dobrável, com pintura a guache sobre papel e varetas em charão; 160 x 300 mm; col. Museu Imperial, Inv. 605, Brasil, Petrópolis.

trono inglês, ou simplesmente em busto, como o leque com o retrato do Príncipe Frederico, Duque de York, filho segundo de Jorge III¹³, ambos pertença da actual Rainha de Inglaterra.

Em finais do séc. XVIII, ainda em Inglaterra, sucedem-se os leques alusivos ao rei Jorge III e à sua família, com temas que incluem: homenagens por ocasião do seu casamento e pelo nascimento de cada um dos seus filhos; parada militar por ocasião do seu aniversário; e até (num leque de 1789) a comemoração do restabelecimento da sua saúde após doença grave.

Os franceses exaltaram igualmente o tema do casamento dos monarcas ou dos herdeiros régios. Admitimos mesmo ser este o mais popular dos temas comemorativos ao longo dos tempos – não só serve o propósito propagandístico de forma explícita, apresentando o matrimónio régio como importante aliança política entre Estados, ou entre famílias, mas de forma implícita não deixa de conduzir ao poderoso imaginário amoroso. Um dos mais antigos exemplares franceses de 1697, pertencente hoje à colecção do museu de Bordeaux, comemora uma das últimas grandes cerimónias do reinado de Luís XIV, o casamento do seu neto, o Duque da Borgonha, com a Princesa Maria Adelaide de Sabóia, apresentando uma cena pintada sobre velino, em que os dois noivos são recebidos pelo Rei acompanhado por membros da família real francesa e por duas figuras alegóricas, simbolizando a justiça e a clemência.¹⁴

Outros temas, como nascimentos, baptizados ou aniversários da família real, puderam circular nas mãos da alta aristocracia francesa, como por exemplo um leque com alusões ao nascimento do Delfim de França (c.1781), um outro evocativo do nascimento do seu irmão, o Duque da Normandia (c.1785), ou o do aniversário da Rainha Maria Antonieta (c.1780).¹⁵

Também se podem observar exemplares de outros países, como a Holanda, de que o leque com o retrato de Guilherme V de Orange e de Guilhermina da Prússia (c.1787) é um belíssimo exemplo, ou a Itália, num interessante exemplar com os bustos da família dos Reis de Nápoles, Fernando IV (futuro rei das Duas Sicílias) e Maria Carolina (filha da Imperatriz Maria Teresa de Áustria e irmã predilecta de Maria Antonieta de França) (c. 1790).¹⁶

¹³ Este último exemplar reveste particular interesse, dadas as semelhanças, quer na estrutura escolhida (a do leque *brisé*), quer no aspecto compositivo, com um leque comemorativo da Regência do Príncipe D. João (futuro D. João VI de Portugal), e sobre o qual falaremos mais adiante.

¹⁴ Ver Françoise de Perthuis, Vincent Meylan, *Eventails*, Hermé, Paris, 1989, pp. 25, 27.

¹⁵ Ver referência e descrição destes três leques em *Royal Fans*, 1986, pp. 26-7.

¹⁶ *Idem*, p. 29.

Completam a temática enunciada os tratados de paz e as alianças ou vitórias militares, igualmente assíduas em leques.

A Revolução Francesa marcou também de forma indelével a história dos leques, com particular incidência na história do leque comemorativo, dando origem a um segundo período que designaríamos de *período de democratização*. Até aí considerados como objectos de luxo, sofrem, num primeiro momento, a drástica diminuição do seu mercado, em resultado da fuga da aristocracia francesa. Como consequência imediata, a mão-de-obra especializada da mais importante indústria de leques da Europa vai também sair de Paris e dos seus arredores, para se instalar em Inglaterra e Espanha¹⁷, dando início à manufactura de leques ou ao incremento da sua qualidade, nestes países.

Mas a repercussão da conturbada mudança política fez-se sentir de outra forma muito mais interessante. Em versões simples, de materiais baratos (como a madeira, o osso e o papel) e utilizando quase exclusivamente a impressão, os leques começam agora a projectar as imagens dos sucessivos acontecimentos pró e contra revolução, como instrumentos de uma verdadeira campanha política orquestrada pela duas facções, monárquica e revolucionária, a ponto de se tornarem numa espécie de gazeta dos acontecimentos mais marcantes do período revolucionário.

Através da temática representada, os leques exprimem a bipolarização da sociedade francesa, entre os partidários da monarquia dos Bourbon e a causa revolucionária das ideias da nova época – assumindo, portanto, pendor mais narrativo e representativo, e até mesmo propagandístico e político, que secundariza o aspecto artístico.

E será esta uma das marcas do leque comemorativo deste período, que a partir deste momento fará jus ao precedente, poupando nas preocupações com o campo artístico para se centrar, sobretudo, na clareza das imagens quanto à mensagem política e sua eficácia. Necessariamente, este processo implicou, quer a simplificação, quer o empobrecimento do leque no que respeita aos materiais de fabrico e à execução pictórica, que procura recorrer a elementos iconográficos já conhecidos e que, na grande maioria dos casos, é substituída pela gravura, em adaptações (à forma do leque) de estampas, gravuras de grande circulação, impressas em leques de baixo preço e produzidos em grande escala.

Assim, por primeira vez e sob os intuitos propagandísticos, o leque democratiza-se, procurando chegar a todas as bolsas. Esta qualidade não

¹⁷ Cfr. *Modes et Revolutions, 1780-1804*, Musée de la Mode et du Costume, Palais Galliera editions, Paris, 1989, pp. 169-71.

mais se dissociará do leque comemorativo, que incluirá, entre as versões de fabrico do mesmo leque, pelos menos uma mais económica, frequentemente utilizando madeira e papel, produzida em grandes quantidades, com objectivos de custo mais económico.

Na história do leque comemorativo, consideramos ainda poder afirmar um terceiro período marcante na sua história, desta feita decorrente da sua ligação à nova classe burguesa que também irá requisitar o leque, no decurso do séc. XIX, protagonizando encomendas ou pontuando os gostos de mercado.

Num primeiro momento, o leque começa por ligar-se às grandes exposições universais e internacionais, mantendo uma curiosa relação dupla com estes grandes eventos: por um lado, cumprindo a sua função propagandística, agora com menor enfoque na edificação da imagem dos chefes de estado, mas sim na celebração do despontar da era industrial, assinalando, divulgando e servindo de recordação; desde as primeiras grandes exposições, em Paris, em 1850, e em Londres, no ano seguinte¹⁸, através da exibição de apelativas litografias alusivas aos pavilhões, acompanhados por legendas e outras inscrições¹⁹.

Por outro lado, as exposições internacionais, quer em França, quer em Inglaterra, entre muitos outros, tiveram o claro propósito de revitalizar a indústria de leques, ainda debilitada em meados de oitocentos, e, sobretudo procuraram melhorar a sua qualidade através da promoção de concursos e da atribuição de prémios, que passam a ser mencionados nas caixas de leques das casas vencedoras, ao longo de toda a segunda metade do séc. XIX²⁰.

Assim, adaptando-se aos novos contextos político e sócio-culturais e tornando-se mais conforme aos gostos dos novos protagonistas, a temática comemorativa, sobretudo no último quartel da centúria, vai-se alargar a todo o tipo de acontecimentos sociais, incluindo assuntos ligados ao

¹⁸ O leque comemorativo da primeira Exposição Internacional Inglesa de 1851 apresenta uma imagem do Palácio de Cristal, sob o título *The Great Exhibition*. Um exemplar da versão com varetas em osso e folha em papel impresso pertence à colecção do Victorian and Albert Museum. Ver Avril Hart, Emma Taylor, *op. Cit.* p. 79.

¹⁹ Na colecção do Museu Nacional do Traje encontra-se um destes exemplares, com armação em madeira e folha em papel, comemorativo da Exposição Universal de Paris, de 1889, exibindo uma imagem do recinto expositivo, junto ao Sena, com a Torre Eiffel dominando a composição, ao centro.

²⁰ Certamente que a ligação do leque às Exposições Internacionais constituiu um dos motivos que fará despertar a atenção da escola impressionista para a pintura de leques, contribuindo para a categorização do leque como “objecto artístico”.

lazer e à vida cultural – como espectáculos de teatro, concertos, corridas de cavalos, touradas, celebração dos heróis nacionais, entre outros²¹.

Como instrumentos e, portanto, sinais das estratégias de poder, reflectindo, num primeiro momento um pendor mais cortesão, depois um decisivo passo democratizador, através da generalização do uso a todas as bolsas e, finalmente alargando o sentido das mensagens a outros campos do social, correspondendo aos desígnios da burguesia em ascensão, os leques comemorativos constituem mais um importante elemento para o historiador conhecer e avaliar o passado.

Leques comemorativos portugueses

Também no nosso País se pode atestar o uso instrumental de imagens nos leques. Procuraremos fazê-lo nas linhas seguintes com base na análise de um conjunto de leques comemorativos portugueses, constituído por vez primeira.

1. Para o efeito, a tarefa da organização deste *corpus* de estudo implicou, quer a devida atenção às dispersas e modestas referências encontradas na bibliografia consultada, quer a definição de um critério de elegibilidade em relação aos exemplares a incluir, quer, naturalmente o recurso ao trabalho de campo, por forma a identificar exemplares comemorativos portugueses nas colecções de leques.

1.1 De entre as referências bibliográficas, começamos por destacar o artigo de Júlio Dantas, publicado na *Ilustração Portuguesa* de 1908, onde, numa breve nota, o autor refere leques *em que se representavam os acontecimentos notáveis do dia – a inauguração da estatua equestre, o casamento de D. João VI, o seu desembarque no Brasil (...)*.²² Na revista *ABC*, do ano de 1926, o artigo com o sugestivo título *Leques Evocadores*, dedicava duas páginas ilustradas à exposição de leques realizada pela Associação dos Arqueólogos, onde se fazia uma alusão a *leques que andaram em mãos fidalgas e relembram até épocas históricas atormentadas*

²¹ Entre nós, foram as litografias Palhares e a Veríssimos Amigos que, nos anos cinquenta e seguintes do séc. XIX, se encarregaram de produzir folhas de leques litografadas, secundando a indústria francesa na técnica utilizada, mas também no alargamento dos temas evocativos. É disso exemplo um desenho depositado na secção dos iconográficos da Biblioteca Nacional, assim como as folhas de leque, de 1849, hoje pertencentes à colecção do Museu da Cidade, com os títulos *Teatro D. Maria II* e *Passeio Público*.

²² Júlio Dantas, “O leque Arma de Guerra”, *Ilustração Portuguesa*, n.º 141, Lisboa, 2 de Novembro de 1908.

em que eles se abriram e fecharam aos gestos impulsivos de suas donas.²³ Neste artigo, era ainda elogiada a colecção que pertencera ao *Maestro Keil*, largamente representada no certame.

Aos leques do *Terreiro do Paço* e da *Chegada de D. João VI ao Brasil* referiu-se Rocha Madahil, na única monografia que se fez em Portugal dedicada a um leque, com o título *Alegoria artística à coroação de D. João VI no Brasil, pintada num leque da época*. O objecto deste estudo é um leque comemorativo da colecção do Museu Santos Rocha, a que ainda pertence, mas que, ao contrário do que afirma o autor trata de uma imagem de D. Pedro e não de seu real pai.

No texto *O Leque ao Compasso do Tempo*, de Eurico Gama, aparece um exemplar, ilustrado a preto e branco, com o retrato do Rei D. Miguel, que pertence à colecção do extinto Museu Municipal de Elvas, onde há poucos anos o fomos encontrar²⁴.

Finalmente, em mais um texto publicado na sequência de uma exposição de leques, César Valença refere a existência de exemplares comemorativos em Portugal, como o que pertence ao acervo do museu que dirige – o Museu Nogueira da Silva.²⁵

Nos catálogos de leilões também se encontram leques comemorativos portugueses, transaccionados como objectos artísticos de assinalável valor no nosso mercado de arte. Contudo, e com poucas excepções, apresentam uma informação insuficiente, não permitindo a identificação do assunto ou da peça. A título de exemplo, veja-se um catálogo de um leilão da casa Leiria e Nascimento, realizado em Abril de 1934, onde se pode ler, no texto referente ao lote número 279: *Leque com varetas de marfim trabalhadas e pinturas com assuntos históricos portugueses e retrato de D. João VI – Exemplar interessantissimo e de grande beleza*.²⁶ Sabemos tratar-se de um leque comemorativo alusivo a D. João VI, mas não conseguimos identificar qual deles, dado que existem pelo menos doze que representam este monarca, como veremos mais adiante.

²³ “Os Leques Evocadores”, *ABC*, nº 317, Lisboa, 12 de Agosto de 1926.

²⁴ Texto da palestra proferida por Eurico Gama na Biblioteca Municipal de Elvas, em 18 de Setembro de 1964, no âmbito de uma exposição que reuniu cerca de quatrocentos leques nas salas dos antigos Paços do Concelho, à época sede da Mocidade Portuguesa em Elvas. Ver Eurico Gama, “O Leque ao Compasso do Tempo”, *Boletim da Academia Portuguesa de Exlibris*, nº 34, Braga, 1935, p. 8.

²⁵ Ver César Valença, “Considerações a partir da colecção de leques do Museu Nogueira da Silva”, *Forum*, nº 29, Braga, 2001, p. 51.

²⁶ *Catálogo dos Objectos de Arte, Quadros, Porcelanas, raras Faianças, Encadernações Gravuras Mobiliário e curiosidades que pertenceram à colecção do Dr. João Luiz da Fonseca*, Leiria e Nascimento, Lisboa, 7 de Abril de 1934, p. 16.



Fig. 5 – *D. João Príncipe Regente de Portugal* – 1799 – Leque império, com pintura a aguarela e armação em marfim; 215 x 420 mm; col. Palácio Nacional da Ajuda, Inv. 56650, Lisboa.

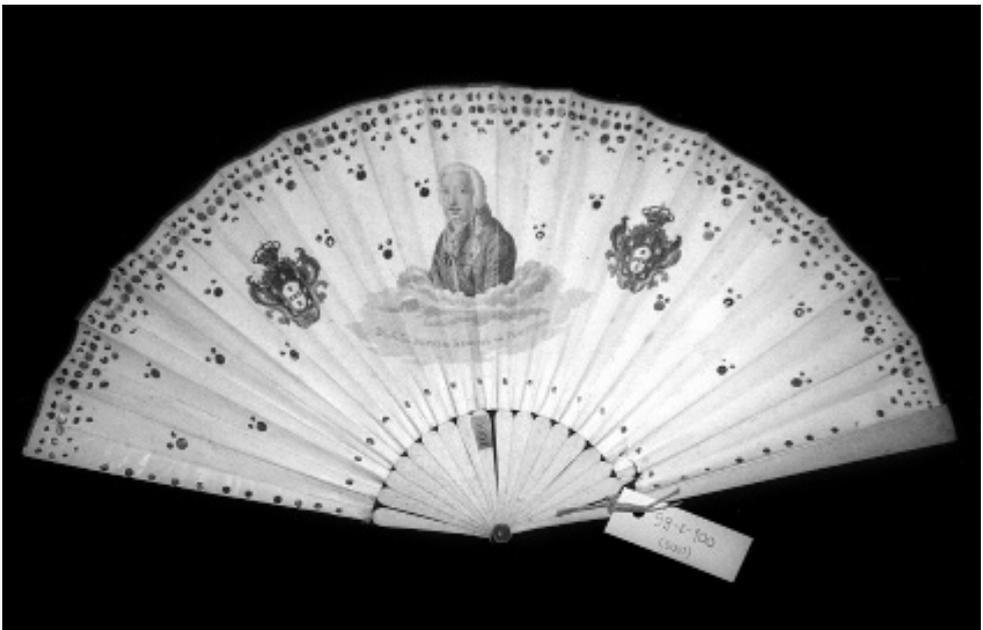


Fig. 6 – *D. João Príncipe Regente de Portugal* – 1799 – Leque império, com folha em papel impresso e armação em osso; 214 x 420 mm; col. Museu Municipal Santos Rocha, Inv. 99-E-100, Figueira da Foz.

Mais recentemente, vieram à praça, através de conhecidas leiloeiras, entre outros, leques comemorativos alusivos a D. Pedro (IV de Portugal e I do Brasil), como um dos leques da sua aclamação (curiosa peça que exhibe dois estandartes com as armas de Portugal e do Brasil).

Deste rol de leques, referido pela bibliografia apontada, só não foi encontrado o leque do casamento de D. João VI.

1.2 No que respeita à selecção de peças, definiu-se como critério de elegibilidade o facto de serem exemplares com assuntos comemorativos alusivos a acontecimentos ou personagens da história do nosso País, independentemente do local de fabrico ou autoria, atendendo a que nenhum deles é de fabrico nacional.

1.3 Finalmente, em relação ao trabalho de pesquisa, importa referir as dificuldades que advêm da falta de estudo de praticamente todas as colecções de leques que temos vindo a visitar²⁷, incluindo as colecções particulares.

2. Da constituição passamos à análise do *corpus* tendo como objectivo o seu conspecto geral em relação: à frequência da utilização de leques comemorativos entre nós, ao período de tempo em que se compreendem, à sua distribuição no tempo, à temática que apresentam, às fontes iconográficas, bem como a uma afinidade de certos traços que alguns dos leques evidenciam entre si.

2.1 Atendendo aos indicadores quantitativos do acervo reunido, cerca de 30 leques comemorativos portugueses, bem como à sua dispersão pelas colecções estudadas, facilmente se conclui: que o número de exemplares comemorativos portugueses é desproporcional ao número total de leques que integram os repositórios a que pertencem; estamos em crer que esta desproporção se verifica também quanto ao número de leques comemorativos que foram produzidos. Por exemplo, só de leques comemorativos do casamento do Príncipe D. Carlos com D. Amélia de Orleães (Figs. 2 e 3), chegaram à Alfândega de Lisboa, vindas de França, duas caixas contendo cerca de doze mil leques, *todos com os retratos dos príncipes D. Carlos e*

²⁷ Não queremos deixar de referir as mais importantes colecções nacionais de leques, como a do Museu Nacional do Traje, com mais de trezentos exemplares, a da Fundação Medeiros e Almeida, a do Palácio Nacional da Ajuda, as dos Museus Municipais de Elvas e de Portalegre, a do Museu Nogueira Vaz, a do Museu Santos Rocha, assim, como as colecções brasileiras do Museu Imperial de Petrópolis, do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, bem como a da Fundação Maria Luísa e Óscar Americano (S. Paulo), juntamente com as colecções privadas, constituem acervos de referência também para leques comemorativos portugueses.

*D. Amélia tendo no centro os braços do príncipe e da princesa e no alto o palácio onde se verifica a grande festa da industria portuguesa, na Tapada da Ajuda.*²⁸ De acordo com esta informação, veiculada no *Diário de Notícias* de 29 de Maio do ano de 1886, seria plausível, hoje, contabilizar mais do que os quatro exemplares que encontramos, provenientes deste avultado lote. Mas a verdade é que, entre estes sobreviventes, um deles corresponde à versão destinada à rainha D. Maria Pia, ou seja, um dos dois leques feitos em tartaruga e cetim de seda para a Rainha e para a Princesa consorte, conforme podemos ainda ficar a saber através do mesmo artigo de jornal. Da versão mais económica, em madeira e papel, e produzida em muito maiores quantidades, chegamos apenas dois exemplares. Muito provavelmente, esta situação ajudará a compreender as razões pelas quais os exemplares comemorativos não sobreviveram até hoje em maior número, porque foram fabricados maioritariamente em materiais pobres, facilmente deterioráveis, e portanto não suscitando uma atenção e valorização conducente à conservação.

2.2 Quanto ao período cronológico compreendido, os leques comemorativos portugueses equiparam-se aos congéneres europeus, como se pode comprovar pela existência de peças desde meados do séc. XVII (como o já referido leque do casamento de D. Pedro II com Maria Francisca Isabel de Sabóia, o exemplar português mais antigo que se apresenta – cuja data foi por nós atribuída entre 1676 e 1689), até ao início do séc. XX, de que são testemunho os leques com os versos da Portuguesa e o da comemoração da República.

2.3 Acusando uma utilização sistemática da parte dos poderes, dado que se distribuem ao longo de cerca de duzentos anos, regista-se um maior número de exemplares ligados ao reinado de D. João VI (13), principalmente alusivos à estada da família real no Brasil, em grande parte hoje conservados nas colecções brasileiras. Este aspecto constituiu-se elemento da singularidade do caso português, na história dos leques comemorativos.

Podemos explicar esta intensiva produção de leques como decorrendo de um quadro de conturbadas conjunturas políticas que o País atravessou no dealbar do séc. XIX, na sequência das Invasões Francesas, pela partida da corte para o Brasil, e ainda pelo clima de efervescência política que se viveu durante as lutas liberais. Muito embora não chegando a ser gazeta dos acontecimentos, como o fora em França durante a Revolução,

²⁸ *Diário de Notícias*, nº 7:313, 22º anno, Sabbado, 29 de Maio de 1886, p. 1.

multiplicam-se os leques portugueses com imagens dos eventos mais importantes, por influência do que acontecera com o leque francês: desde o leque comemorativo da vitória dos portugueses nas Guerras Peninsulares aos sucessivos episódios relacionados com a vida do monarca e do Estado Português, evocativos da sua nomeação como Regente, da sua chegada ao Rio de Janeiro, da sua aclamação como rei do Reino Unido, do casamento do seu herdeiro, do nascimento e do baptizado da sua neta (futura rainha D. Maria I), do regresso a Lisboa e, por fim, do juramento da Constituição.

A ideia da utilização instrumental do leque a que nos temos vindo a referir sai reforçada da análise deste grupo de leques, atendendo a esta situação de próxima relação entre a conjuntura política e a produção de leques comemorativos, traduzida no aumento da sua percentagem e no registo de uma maior variedade de temáticas, sobretudo durante o período em que a corte esteve no Brasil [1808-1822].

Politicamente, este facto terá ficado a dever-se à necessidade do monarca e da família real se manterem próximos dos seus súbditos do continente, tendo recorrido, com este propósito, à utilização das artes visuais em objectos de uso corrente como os leques.

2.4 Sobre os leques comemorativos relativos a este período, importa ainda salientar um outro particular, decisivamente distintivo deste grupo no panorama nacional e, sobretudo, internacional. Referimo-nos ao conjunto significativo de exemplares de manufactura oriental, relativos ao período de permanência no Brasil, revelando a preferência do Monarca português por um tipo diferente daquele que se utilizava na Europa, durante este mesmo período, o *leque império*, anteriormente utilizado para assinalar a sua qualidade de Príncipe Regente.

Esta possibilidade, e simultaneamente especificidade, inscreve-se no quadro das ligações comerciais privilegiadas que Portugal, desde Quinhentos, estabeleceu com o Oriente e em particular com Macau, também no que respeita ao comércio de leques. Como podemos deduzir pela enorme quantidade de leques mencionada na documentação coeva²⁹, a importação de leques da China, via Macau, representa grandes

²⁹ Na documentação do Arquivo Histórico Ultramarino encontram-se diversas referências a este comércio, das quais destacamos um documento, assinado por José Ferreira de Oliveira, da Casa da Índia, com o intuito de informar acerca do preço dos leques que estavam a ser desembarcados em Maio de 1778, que dá uma ideia acerca dos grandes interesses que este comércio já despertaria em 1778 pela enorme quantidade destes objectos *de todos sortidos, seis mil*, alguns deles encomendados para o paço. AHU, Reino, maço 16, doc. 17, Lisboa, 14 de Junho de 1777, fl. 7, e doc. 18, Lisboa, 9 de Maio de 1778, cit. por Raúl Lino; Luís



Fig. 7 – Inauguração da *Estátua Equestre de D. José* – c. 1775 – Leque *squelette*, com pintura a guache sobre pergaminho e armação em marfim; 330 x 488 mm; col. Particular, Portugal.



Fig. 8 – *D. João Príncipe Regente de Portugal* (pormenor) – 1799
Leque *brisé*, com varetas em marfim, pintado e esculpido; 200 x 370 mm; col. Museu Nacional do Traje, Inv. 4218, Lisboa.

interesses, particularmente desde o último quartel do séc. XVIII até, pelo menos, meados da centúria seguinte, coincidindo com o período que estamos a referir.

Aliás, o estudo do espólio documental da Sociedade de Geografia de Lisboa vem, não só comprovar a importação de leques, em larga escala, através deste circuito (com particular incidência no primeiro quartel de oitocentos), mas também a idêntica proveniência dos leques comemorativos portugueses de manufactura oriental, claramente expressa num dos documentos que consultámos, ainda inédito. Trata-se de uma factura³⁰ de leques carregados a bordo do brigue *Temerário*, passada ao Capitão José Joaquim Ferreira para, por sua conta e risco, entregar em Lisboa, a si próprio ou a Sabino Ribeiro dos Santos, com data de 4 de Julho de 1822, atestando a encomenda, em Macau, *376 leques com pinturas constitucionais, 248 leques com pinturas chinezas e 500 leques ordinários com varetas em bambu e ramagens*. Perfazendo um total de mil cento e vinte e quatro leques, esta encomenda chega a Lisboa a 23 de Janeiro de 1823, conforme *Lista de produtos oriundos de Macau carregados no brigue Temerário proveniente da Ilha de Santa Helena*³¹, onde tinha feito escala comercial.

O interesse destes dois documentos avulta sob dois aspectos. Desde logo, revelando a proveniência de um dos leques comemorativos da Constituição de 1821 (Fig. 4) mas também a do restante grupo de leques comemorativos orientais, por acusarem inequívocas similitudes estilísticas com este.

A outra importante ilação é o comprovativo da utilização da mesma temática iconográfica em mais do que uma versão, neste caso em três versões quanto aos materiais do leque, a saber, e de acordo com os mesmo documentos: 75 leques com armação em charão fino (como é o caso do que vemos na imagem); 100 leques com varetas em charão encarnado; e ainda 200 com varetas em bambu. Consoante o material da armação, o preço variava entre 1,5 patacas para os mais caros (varetas em charão fino), 1,2 patacas para os de varetas em bambu e 0,2 patacas para os de charão vermelho ordinário.

Silveira; A. H. de Oliveira Marques, *Documentos para a História da Arte em Portugal*, Vol. 10, Lisboa, 1976.

³⁰ SGL, Res. 5-D, caixa 32, *Temerário*, doc. 153, [Macau], 4 de Julho de 1822.

³¹ SGL, Res. 5-D, caixa 32, *Temerário*, doc. 190, Lisboa, 23 de Janeiro de 1823. Esta lista menciona exactamente os mesmos leques constantes da factura de 4 de Julho de 1822.

Importa sublinhar que esta aparência multifacetada para cumprir, com eficácia, o desígnio propagandístico, usando várias versões do mesmo leque, não foi, também entre nós, apanágio do leque comemorativo oriental; e sim da generalidade dos leques comemorativos, como se pode comprovar pela produção das duas versões de um dos leques de homenagem à Regência de D. João (futuro D. João VI): a versão luxuosa, num leque em marfim com pintura a aguarela sobre folha de cetim de seda creme, com aplicação de lantejoulas (Fig. 5); a versão popular, em osso e papel impresso, decalcando o desenho da versão de luxo (Fig. 6). O leque do Casamento de D. Carlos, atrás mencionado, constitui um outro exemplo ao apresentar o desenho de Rafael Bordallo Pinheiro em litografia impressa, na versão em tartaruga (com os monogramas coroados das suas reais destinatárias nas guardas) sobre cetim de seda, na versão em osso, também sobre a folha em cetim de seda e nas versões em madeira, sobre folha de papel, num dos casos colorida³².

2.5 Quanto a este grupo de leques comemorativos portugueses, de manufactura oriental, provenientes de Macau, merece ainda atenção a sua afinidade estilística. Como facilmente se poderá observar, estes leques reúnem um grupo de características comuns, inclusive de estilo compositivo e decorativo, que indiciam um mesmo tipo de manufactura, que poderia corresponder a uma “escola” de fabrico macaense³³, com o seguinte postulado estilístico:

2.5.1 Armações: invariavelmente constituídas por dezasseis varetas e decoradas por motivos figurativos chineses, ou decoração vegetalista, minuciosamente esculpidos ou trabalhados a buril sobre marfim, madrepérola ou prata filigranada e esmaltada. As varetas em charão apresentam, maioritariamente, motivos geométricos. Não obstante, o que importa é que em nenhum caso a decoração se relaciona com os motivos (comemorativos) da folha, não diferindo, portanto, das armações de outros leques, pelo que se conclui que o leque comemorativo de

³² É o caso de um leque que pertenceu à Casa da rainha D. Amélia, recentemente exposto na Casa Museu Anastácio Gonçalves. Ver Paulo Campos Pinto, “Leques”. José Alberto Ribeiro (Coord.), *Os Anos de Exílio da Rainha D. Amélia, Coleção Remi Fénérol*, Casa Museu Anastácio Gonçalves, 2008, p. 178.

³³ Esta ideia não é nova e já foi referida, ainda que sem desenvolvimento, na historiografia do leque, nomeadamente por Susan Mayor, na obra *Collecting Fans*, London, 1980, p. 88, onde a autora refere, embora sem justificar e a propósito de um leque comemorativo da aclamação de D. João VI, leiloado em Londres, em 1978, *pela Christie’s South Kensington: [por volta de 1820], an interesting series of fans was produced in Macao for the Portuguese market.*

proveniência macaense utiliza armações «pré-fabricadas», concebidas sem qualquer relação com a temática exibida na folha e com o propósito do leque.³⁴

2.5.2 Já no tocante à folha, deparamo-nos com a utilização sistemática de composições inscritas numa moldura à forma do leque, à maneira de painel emoldurado por um friso, invariavelmente em tons de vermelho, numa das faces, e em azul, na outra, decorado com motivos vegetalistas pintados ou, em alguns casos, com os escudos alternados com as quinas, os castelos e a esfera armilar.

No reverso, as folhas apresentam, na sua grande maioria e sob o mesmo esquema compositivo e decorativo, painéis com pinturas policromas exibindo atraentes motivos florais (quase sempre peónias e rosas) e aves, geralmente faisões, de colorida plumagem, em tons vivos, pintados sobre fundo dourado ou prateado.

Deste modo, o tema do leque surge quase sempre confinado ao anverso da folha.

Com ou sem motivos heráldicos na moldura, pode ser ainda este o modelo de uma “manufatura” macaense, dedutível de um rótulo que encontramos numa caixa de leque, infelizmente vazia, que refere, em letras impressas a vermelho *VOCHOM faz leques*, e para a qual poderá ter trabalhado o pintor Sun Qua ou Cut Qua, que assinou o leque comemorativo da Constituição de 1821.

2.6 O olhar pela temática dos leques comemorativos portugueses conduz ao imediato reconhecimento de que, nesta matéria, não houve divergência em relação aos leques franceses, ingleses, ou mesmo espanhóis, reflectindo-se a influência das “práticas” e modas europeias, sobretudo francesa como já se disse, à semelhança do que ocorreu com outras artes decorativas.

Com vista a facilitar uma visão de conjunto, agrupámos, no quadro que a seguir se apresenta, um índice dos temas comemorativos e da sua frequência nos leques que estudámos.

³⁴ Sobre os materiais e decoração das armações dos leques chineses e macaenses ver Ana Maria Amaro, *Da Folha da Palmeira à Peça de Museu - O Leque Chinês*, Lisboa, 1999, p. 43.



Fig. 9 – *Aclamação de D. João VI* – 1818 – Leque de folha dobrável, com pintura a guache sobre papel e varetas em marfim vazado e pintado; 305 x 560 mm; col. Museu Imperial, Inv. 2.165, Brasil, Petrópolis.

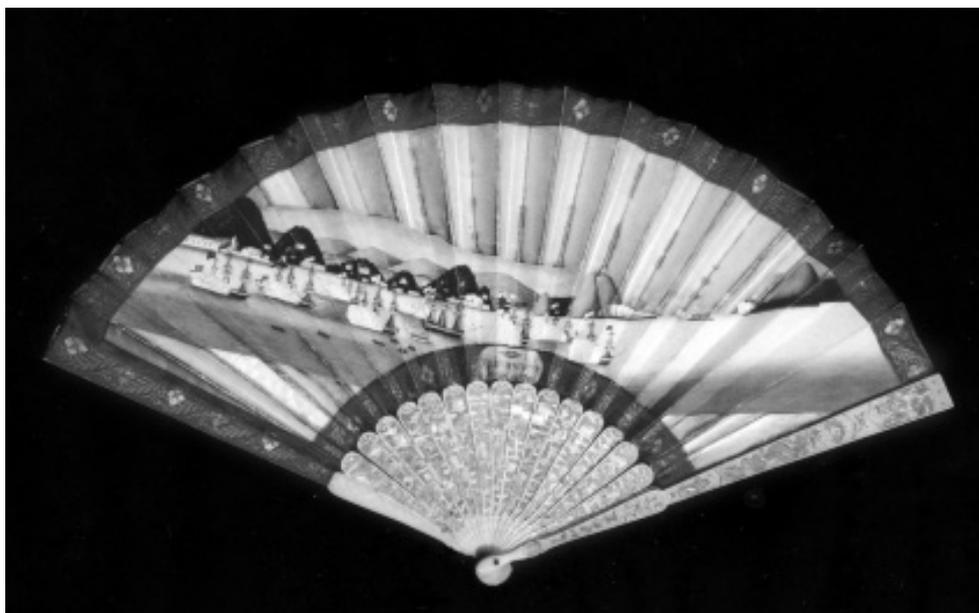


Fig. 10 – *Chegada da Família Real ao Brasil* – 1808 – Leque de folha dobrável, com pintura a guache sobre papel e varetas em marfim esculpido e pintado; 320 x 610 mm; col. Museu Imperial, Inv. 6124, Brasil, Petrópolis.

Tema	Assunto	Nº de Leques
Família Real	Casamento	6
	Inauguração da Estátua Equestre de D. José	1
	Aclamação	9
	Aniversário	1
	Chegada da corte ao Brasil	2
	Nascimentos	1
	Baptizados	1
	Regresso da corte a Portugal	1
	Pedidos de casamento	1
Batalhas Militares	Vitória na Guerra Peninsular	1
Liberalismo	Juramento da Constituição de 1821	4
	Outorga da Carta Constitucional de 1826	1
Heróis Nacionais	Comemoração do Centenário da Índia	1
República	A Portuguesa	1
	Comemoração da República	1

2.6.1 Como já referimos, o tema do casamento foi extremamente popular nos leques, em particular nos comemorativos. E o mesmo aconteceu entre nós como se pode avaliar pela representatividade destes exemplares. Porém, deve salientar-se que as imagens dos enlazes reais filiaram-se, também nos comemorativos portugueses, sobretudo na ideia de casamento como ligação contratual, em lugar de o apresentarem como a exaltação da festa ou a manifestação do sagrado, ou do juramento de amor ou de fidelidade (como foi o caso do leque império francês).

Assim, no mais antigo leque comemorativo de um matrimónio real português, o leque seiscentista do casamento de D. Pedro (à época Regente) com D. Maria Francisca Isabel de Sabóia, podemos encontrar, precisamente no anverso da folha, e ao contrário do que seria natural, a representação da visita diplomática do Duque da Borgonha à Princesa e só no reverso a alusão ao casamento, agora sim com uma cena da caçada em honra do consórcio. Dois outros exemplos são visíveis nos leques dos casamentos de D. Pedro IV. Do primeiro, com D. Leopoldina, em 1816, a imagem escolhida foi a do aparatoso desembarque da Arquiduquesa austríaca, adaptada da conhecida aguarela de Jean Baptiste-Debret. Do segundo casamento, com D. Amélia, foram feitos dois leques comemorativos, um deles com a cerimónia do pedido de casamento, pelo Marquês de Barbacena, Felisberto Caldeira Brant Pontes Oliveira e Horta (1772-1842), que surge no leque junto ao retrato de D. Pedro. O outro, excepcionalmente em tom mais idílico, apresenta os noivos, de mãos unidas sobre a chama que arde sobre um cipo, colocados sobre a escadaria de um

baldaquino ornado de grinaldas e ladeado por duas colunas encimadas por flores, tendo como pano de fundo, uma vasta campina.

Finalmente o leque do casamento de D. Carlos, a que já aludimos, exhibe as imagens dos príncipes, em busto, secundadas pelos escudos das respectivas casas, em associação ao evento institucional da Festa da Indústria Portuguesa.

2.6.2 Sob a estrutura de um lindo *squelette*, muito em voga no terceiro quartel do séc. XVIII, o leque da Inauguração da Estátua Equestre de D. José (Fig. 7), terá sido mandado fazer, muito provavelmente antes do dia do grande acontecimento. Iconograficamente, bem pode integrar-se no capítulo das homenagens aos soberanos. Apresenta os bustos do casal real, laureados e de perfil, ladeando a gravura aguarelada onde se inscreve o régio monumento, visto também de perfil, voltado a Oeste, numa posição que nunca viria a assumir (por isso estamos em crer que o leque é anterior à inauguração), mas semelhante àquela em que também foi retratado em diversas gravuras da época, ou na medalhística, ou ainda na cerâmica³⁵, igualmente destinadas a comemorar o grande acontecimento da edificação da primeira estátua equestre portuguesa.

2.6.3 A aclamação ou a coroação dos soberanos foi tema praticamente obrigatório na pintura de leques comemorativos, em alguns casos quase fazendo parte integrante do seu programa oficial de arte. Entre os exemplares portugueses foi igualmente assunto frequente, como se depreende do elevado número de exemplares deste género. O mais antigo é o da rainha D. Maria I, com varetas e guardas em madrepérola, exibindo um medalhão com os bustos do casal real, sobrepostos e laureados, e de perfil à direita como nas moedas ou medalhas comemorativas. O medalhão é transportado pela Fama que coloca, junto à trombeta, uma inscrição alusiva.

Seguem-se os vários leques alusivos a D. João VI. Os dois comemorativos da oficialização da regência do então Príncipe D. João (o exemplar império já foi atrás referido) apresentam o monarca, em busto, como era moda³⁶. O exemplar *brisé* em marfim finamente esculpido (Fig. 8)

³⁵ Possivelmente o leque terá sido encomendado pela mesma altura em que D. José, através do Marquês de Marialva, D. Pedro José de Meneses (1713-1799), encomendou o serviço de jantar da Companhia das Índias, expressamente para o dia da inauguração, a 6 de Junho de 1774, dia da comemoração dos 60 anos do Monarca. A encomenda foi feita segundo uma gravura baseada no desenho de Eugénio dos Santos, tal como a do leque, evidenciando assim a sua antecedência face ao evento.

³⁶ O próprio Napoleão Bonaparte far-se-ia representar em leques como o que podemos ver hoje na colecção do *Musée Carnavalet* de Paris, gravado com um busto do General.

merece destaque pelo curioso retrato do Príncipe, ainda jovem menino (apesar de já ter 32 anos, em 1799). O interesse desta imagem reside na moldura colocada à frente do Príncipe, provavelmente servindo de espelho, podendo constituir uma alusão à tradição do *Espelho dos Príncipes*, nome pelo qual ficaram conhecidos os tratados escritos para a educação dos príncipes. Os futuros soberanos deveriam, em tudo, ser o reflexo dos princípios inscritos nesses tratados. A presente pintura transmite-nos precisamente esta ideia através do posicionamento de D. João, voltado de frente para a moldura espelhada, mas com o rosto e o olhar dirigidos para o observador, parecendo reflectir a imagem que emana do próprio espelho.

Em nosso entender, a hipótese de estarmos perante a referida alusão adquire maior consistência se atendermos ao facto de o Infante D. João se ter tornado no herdeiro do trono português, em virtude da morte do seu irmão, o Príncipe D. José (1761-1788), filho primogénito da Rainha D. Maria I³⁷. Neste contexto, a utilização da imagem do Espelho dos Príncipes pretendia transmitir a ideia da capaz preparação do jovem D. João para o governo do Reino. Assim, muito provavelmente este leque pretendeu assinalar as virtudes e aptidões do Príncipe D. João, obtidas durante a sua educação, precisamente no momento em que se tornava regente do Reino, tal como a legenda sugere: *Viva o Príncipe Regente de Portugal*.

Sobre a aclamação deste monarca, conhecemos pelo menos quatro leques diferentes, mas todos provenientes de Macau. Três deles com a representação do obelisco projectado por Grandjean Montigny para as cerimónias da aclamação do dia 6 de Fevereiro de 1818, formando composições alegóricas (Fig. 9), e o quarto leque com a representação do monarca no trono, ladeado pelas iniciais alusivas emolduradas por coroas de rosas e fitas de ouro. Ainda sob o mesmo tema, inclui-se o leque da aclamação de D. Pedro IV, rei de Portugal e do Brasil, e o leque da aclamação de D. Miguel, ao qual já fizemos referência.

2.6.4 Comprovando o hábito, relatado nas crónicas do tempo, de comemorar o aniversário D. João VI *com uma grande parada, audiência e beija mão e, nos anos de 1817 e 1820, com uma récita no Real Teatro de S. João, a que assistiam a família real, a Corte e o corpo diplomático*³⁸,

³⁷ O Infante D. João recebe o título de Príncipe do Brasil, como novo herdeiro da coroa, em 1788, por morte do Príncipe D. José, sem descendência.

³⁸ Maria Beatriz Nizza da Silva, “D. João no Brasil (1808-1821)”, *D. João VI e o seu Tempo*, Lisboa, 1999, p. 377.

foi encomendado um leque para assinalar o seu quinquagésimo aniversário natalício, em 1817. A imagem escolhida apresenta precisamente a parada militar do dia 13 de Maio de 1817, no antigo Largo do Paço, no Rio de Janeiro, com a inscrição alusiva “DIA 13 DE MAIO”. Chegamos duas versões deste leque: uma, com armação em marfim; e a outra, mais rica, com varetas em prata filigranada dourada com aplicação de esmaltes.

2.6.5 Os leques da chegada da corte ao Brasil são dos poucos documentos iconográficos sobre o acontecimento, muito embora traduzam as gravuras da época, enviadas propositadamente como modelo ao fabricante. As duas diferentes versões exibem ambas paisagens com a frota portuguesa na Baía de Guanabara sendo saudada com salvas de canhão (Fig. 10).

2.6.6 Não obstante já terem feito escola os leques comemorativos do nascimento do Delfim de França, Luís José (1781),³⁹ e outros, os temas do nascimento e do baptizado constituem caso isolado no caso português, e foram unicamente utilizados nos leques da princesa D. Maria da Glória. O do nascimento é iconograficamente mais elaborado, demonstrando a preferência pela alegoria, embora tratada segundo um modo idílico, com uma homenagem do Brasil à pequena Princesa rodeada das três Graças e de versos laudatórios. Esta imagem foi igualmente glosada em mais do que um leque, como o exemplar reconhecido com o título de *Braganza Fan*, que se encontra na colecção do Fitzwilliam Museum de Cambridge, com uma armação também em filigrana dourada,⁴⁰ ou um outro pertencente à colecção Messel, citado por Nancy Armstrong na sua obra *A Collector's History of Fans*, que informa aparecerem representadas no reverso do leque as armas de Portugal⁴¹ – provavelmente assinalando destinar-se este exemplar a um membro da família real. Ainda o catálogo da *1.ª Exposição de Vestes e Objectos Imperiais e de Louça Histórica*, realizada no ano de 1954 em S. Paulo, dá-nos a conhecer a existência de um outro leque com idêntico tema, neste caso com varetas em madrepérola e não em filigrana, que pertencia, à época, à colecção da família imperial (D. Pedro e D. João de Orleães e Bragança)⁴².

³⁹ Leque actualmente na colecção Hélène Alexander. Ver [cat] *Comemorating Fans*, The Fan Museum, London, 2000, p. 6.

⁴⁰ Ver “The Braganza Fan”, Great Britain-Sasakawa Foundation Fan Gallery, n.º FANHC 8.

⁴¹ Ver Nancy Armstrong, *A Collector's History of Fans*, Studio Vista, London, 1974, pp. 162-3.

⁴² Ver Ernesto de Sousa Campos (coord.), *1.ª Exposição de Vestes e Objectos Imperiais e de Louça Histórica*, S. Paulo, Exposições Comemorativas do IV Centenário da fundação da

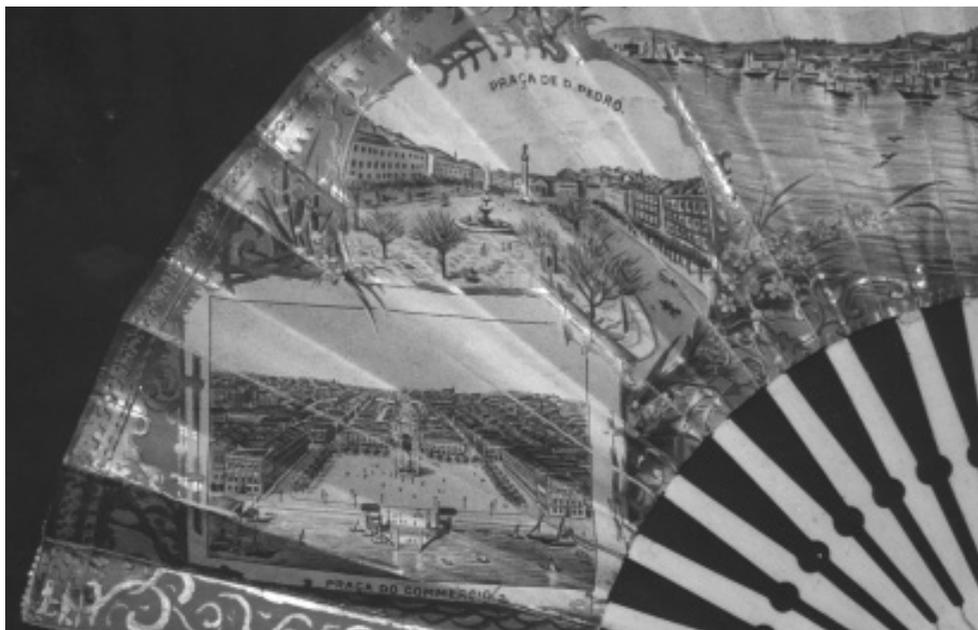


Fig. 12 – *Centenário da Índia* (pormenor) – 1898 – Leque de folha dobrável, com litografia sobre papel e armação em madeira; 245 x 470 mm; col. Fundação Medeiros e Almeida, Inv. 3191, Lisboa.

O leque do baptizado, numa cena mais prosaica, apresenta D. Maria da Glória, ainda bebé, deitada num canapé sobrepujado pelas armas do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, ostentando a banda e a insígnia da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa⁴³.

2.6.7 O regresso de D. João VI do Brasil foi igualmente assinalado nos leques que escolheram, tal como na chegada ao Rio de Janeiro, 13 anos antes, o momento do desembarque do monarca, agora no Terreiro do Paço. Muito embora de origem oriental, o leque não apresenta as características da dita *escola de Macau*, revelando o traço pouco cuidado do pintor, sobretudo no que toca à introdução da figura do monarca, num carro à romana, sobredimensionado ao centro da Praça, parecendo tratar-se de uma adaptação ou de um acrescento ao desenho inicial, de melhor qualidade.

Cidade de S. Paulo, S. Paulo, Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, Outubro de 1954, pp. 22, 109.

⁴³ Instiuída por D. João VI cerca de um ano antes, a 6 de Fevereiro de 1818, no dia da sua aclamação, como sinal de agradecimento pela salvação da monarquia portuguesa e como reconhecimento da devoção à Padroeira de Portugal. A insígnia foi desenhada pelo pintor francês já citado, Jean-Baptiste Debret.

2.6.8 A prática da comemoração dos êxitos militares em leques também não escapou aos comemorativos portugueses que proclamam as vitórias nas Guerras Peninsulares. Tal como o fizeram os espanhóis em dois exemplares dedicados ao monarca Fernando VII (1784-1833)⁴⁴, datados de 1808 e 1813. O exemplo português que conhecemos é alusivo à vitória dos portugueses e dos espanhóis sobre os exércitos de Napoleão na Península, e pertence hoje a uma colecção particular portuguesa. Trata-se de um leque império, cujo propósito comemorativo é unicamente expresso pela seguinte legenda, em castelhano: “VIVA LOS GUERREROS PORTUGUESES Y ALIADOS QUE RETIRARÕ LA COROA DO INVENCIBLE PARA RESTITUIR A SU REY”.

Este leque ilustra bem um outro aspecto que gostaríamos de sublinhar, em relação à caracterização do acervo comemorativo português; que é o da utilização, quase sistemática, de inscrições que servem para clarificar e reforçar as imagens ou mesmo aparecendo em seu lugar, como é o caso deste leque.

2.6.9 A mesma convicção implícita na capacidade de comunicação das imagens em leques, levou ao recurso destes objectos para proclamar as conquistas liberais portuguesas dos anos vinte e trinta de oitocentos. O precedente mais próximo acontecera em Espanha, onde o tema da Constituição de 1812 já dera origem a leques comemorativos. No caso português, o mesmo aconteceria com a Constituição de 1821 e com a Carta Constitucional de 1826, cujos exemplares comemorativos se incluem no nosso grupo de estudo.

Em relação ao leque da comemoração da Constituição de 1821, mencionámos atrás documentação que permitiu a identificação de origem macaense dos exemplares orientais e comprovou uma produção assente em diversas versões do mesmo tema. Uma das versões que hoje conhecemos, pertencente ao acervo do Museu Imperial (ver Fig. 4), é precisamente a de *varetas em charão fino*, com *pinturas constitucionais*, como referem os documentos alfandegários citados.

Como se poderá observar, a cena alegórica representada é a cópia integral, adaptada à forma semi-circular da folha do leque, de uma gravura a buril, com o título *Estampa Constitucional*, que se encontra actualmente em Lisboa, no Museu da Cidade (Fig. 11). De acordo com o que se lê nesta gravura de 1822, o desenho coube a Luís António, e a gravação a Constantino de Fontes. Pode ainda ler-se, na extensa legenda colocada

⁴⁴ Ver *Royal Fans*, The Fan Circle International, Harewood House, 1986, p. 58.

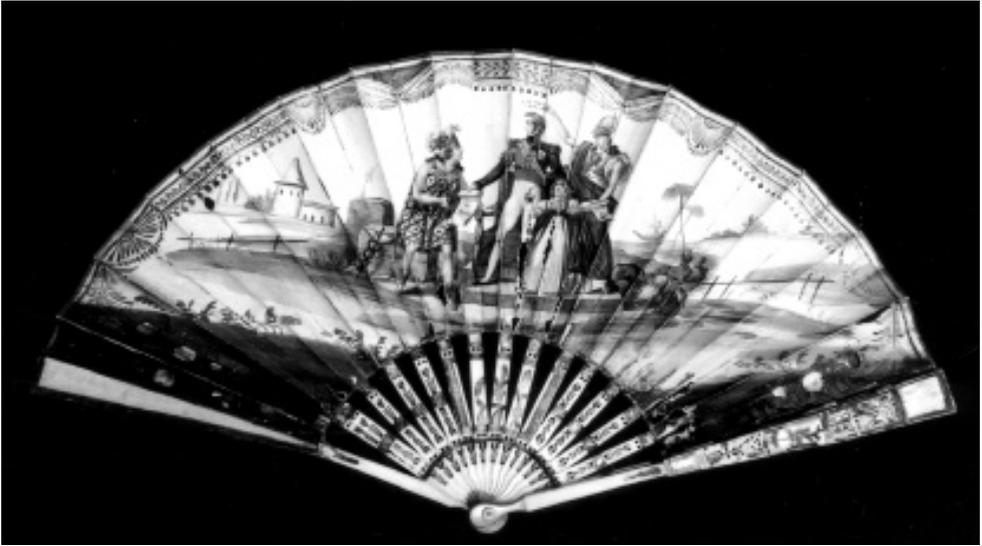


Fig. 13 – *Juramento da Constituição de Portugal e do Brasil por D. Pedro* – 1822
Leque de folha dobrável, com folha em papel litografado e pintado e armação com varetas e guardas em marfim, com aplicações de folha de prata; 175 x 330 mm; col. Museu Imperial, Inv. 609, Brasil, Petrópolis.



Fig. 14 – *Juramento da Constituição de Portugal e do Brasil por D. Pedro* – c.1822
Nota: Imagem recolhida na obra: Alexandra Reis Gomes, *Estampa e Caricatura Política estrangeira sobre Portugal – Doação Rau*, Museu nacional da Arte Antiga, Lisboa, Editorial do Ministério da Educação, 2000, p. 87. Fotografia da Divisão de Documentação Fotográfica, IPM.

na base da imagem, o significado desta alegoria, que serve igualmente como chave de leitura para o leque, tal é o respeito pela fonte.

Do juramento das bases da Constituição de 1821, por D. João VI, ainda no Brasil, encontra-se um outro leque (coleção particular) de proveniência europeia, com reminiscências estilísticas do tipo império, em tartaruga loira, com pintura e aplicação de lantejoulas sobre cetim de seda, apresentando o soberano no acto do juramento, sob as armas do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. A imagem deste leque, muito embora denotando alguma ingenuidade e marcado tom popular, não deixou de constituir para nós motivo de alguma curiosidade, no que respeita ao momento a que faz alusão. A cena de juramento tem como pano de fundo um trecho de paisagem brasileira, numa clara alusão a esse Reino, no qual D. João VI, antes de regressar a Portugal, jurou as bases da futura Constituição. Poderia então esta subtil imagem, desmentindo o carácter ingénuo que aparenta, ter tido como intencionalidade acentuar a ideia do envolvimento e do acordo do Monarca com a instauração do novo regime constitucional. É uma hipótese que julgamos plausível.

A outorga da Carta Constitucional pela mão de D. Pedro IV surge assinalada num leque datado de 1826, também de fabrico europeu, mostrando um busto do rei laureado pela Vitória, que segura numa das mãos a legenda: D. PEDRO IV DE PORTUGAL / I DO BRAZIL / E ÚNICO NO MONDO. À esquerda, em epígrafe sobre um livro aberto, pode ler-se CARTA CONSTITUCIONAL / 29 Abril 1826 / 31 de Julho 1826.

2.6.10 No último quartel de Oitocentos, a evocação dos heróis nacionais e dos feitos gloriosos do passado reflectiu-se na organização das comemorações centenárias, no âmbito das quais também se produziram leques comemorativos. De entre os leques que terão sido produzidos (pelo menos um por comemoração centenária, provavelmente) aquele a que tivemos acesso evoca o quarto *Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia*, em 1898, através de um curioso e sugestivo conjunto de imagens impressas em papel cromolitografado, assente numa armação em madeira, pintada a branco e dourado, imitando a decoração em madreperla (Fig. 12). Vejamos:

No anverso do leque, três imagens alusivas aos Descobrimentos: ao centro, uma representação da chegada triunfal de Vasco da Gama à Índia, ladeada pelos monumentos Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, com legendas indicativas, numa alusão às Descobertas e em memória da Expansão. A separar as três imagens, duas legendas em filacteras

mencionam as datas da partida e da chegada de Vasco da Gama à Índia. No reverso da folha, representam-se em reservas cinco imagens de Lisboa de finais do séc. XIX, colhidas nas gravuras e fotografias (postais) que circulavam à época, aliás, tal como as imagens que se observam no anverso. Podem observar-se, da esquerda para a direita: a Praça do Comércio, a Praça D. Pedro (actualmente Rossio), uma vista de Lisboa, a Praça de Luiz de Camões e a Avenida da Liberdade.

Como resultado desta distribuição, a decoração da folha, assentou, no anverso do leque, numa composição de imagens elaboradas no presente, mas que evocam um passado histórico glorioso, que se pretendeu projectar para o futuro através da representação das imagens da Lisboa moderna de finais de Oitocentos (no reverso), assumindo o leque um discurso embuído de sentido prospectivo, tão ao sabor das comemorações dos centenários.

Cumprindo o desígnio de “estender” as comemorações do Centenário da Índia ao território insular português, sabemos que foram vendidos vários leques do Centenário da Índia, iguais ao que apresentamos, na ilha da Madeira. A notícia era referenciada, com um certo tom publicitário, num anúncio do *Diário de Notícias do Funchal*, de 17 de Maio de 1898, onde se podia ler: *Leques finos representando a partida e chegada de Vasco da Gama (com mais de 500 figuras muito nítidas, chegando a reconhecer-se algumas personagens daquela época!), ao preço de 600 reis*⁴⁵.

3. Em suma, no respeitante aos aspectos iconográficos, e de acordo com análise do acervo comemorativo português de proveniência macaense, podemos confirmar o recurso à gravura como fonte privilegiada para a elaboração de imagens, sem qualquer pretensão de evitar a cópia e denotando habilidosas adaptações de acordo com a forma e a escala do leque. São exemplos ilustrativos o leque da Constituição de 1821 e o leque do casamento de D. Pedro com D. Leopoldina.

Mas esta dependência da gravura ou da pintura que dá origem à iconografia do leque comemorativo português de origem macaense, verifica-se igualmente nos exemplares de origem europeia, como se pode concluir da análise de um outro leque comemorativo da Constituição de 1821, desta feita com a imagem do juramento de D. Pedro e de sua filha, futura D. Maria I (ver Figs. 13 e 14). A excepção a esta regra,

⁴⁵ *Diário de Notícias do Funchal*, 17 de Maio de 1898, cit. por José Sainz Trueva, *Viagens na Madeira Romântica*, Funchal, 1988, p. 61.

encontrar-se-á no leque desenhado pelo artista Rafael Bordallo Pinheiro, que não deixa, contudo, de recorrer à fotografia, já publicada, para a representação dos príncipes.

Notas finais

Em jeito conclusivo, e procurando sublinhar as tónicas do texto, porventura merecedoras de mais amplos desenvolvimentos e relacionamentos em ulteriores investigações, destacamos uma primeira nota sobre a temática expressa nos leques comemorativos portugueses; o acompanhamento da moda europeia e, no período de maior produção, em íntima relação com os grandes acontecimentos políticos da transição do Antigo Regime (as vitórias sobre a ocupação francesa, a estada da corte no Brasil e as revoluções liberais) tomando sempre o partido dos soberanos.

Fica também demonstrada a identidade de um grupo de leques comemorativos no que respeita à proveniência, a elementos formais e aspectos estilísticos, conjecturando a definição de uma produção macaense padronizada, exclusivamente destinada ao mercado português. Este aspecto adquire carácter singular na história geral do leque.

Embora nunca tenhamos desenvolvido uma indústria de leques nacional, comprova-se que a difusão do leque comemorativo alcançou entre nós significado em edições massivas, de versões de maior e menor qualidade e preço, com o propósito de atingir um público mais alargado, atestando o reconhecimento das potencialidades deste objecto como instrumento de propaganda.

Não obstante, não parece ter sido grande a especificidade das composições dos leques comemorativos portugueses para celebrar acontecimentos contemporâneos que assumiram relevo na vida social e cultural do País, uma vez que, tal como os seus congéneres estrangeiros, se alimentaram sobretudo da cópia de gravuras da época ou nelas se inspiraram. Revelam, afinal, mestria na forma hábil como adaptam (transformam) o modelo e tornam abrangente a mensagem visual.